

FACULDADE JK MICHELANGELO

UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS

UNAT – BRASIL

PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**A TÉCNICA DO JOGO DE AREIA AUXILIANDO  
A PSICOTERAPIA COM ANÁLISE TRANSACIONAL**

Sonia da Fraga Peixoto Nogueira Pedreira

Uberlândia – MG

2015

Sonia da Fraga Peixoto Nogueira Pedreira

## **A TÉCNICA DO JOGO DE AREIA AUXILIANDO A PSICOTERAPIA COM ANÁLISE TRANSACIONAL**

Artigo de conclusão do curso apresentado  
à Faculdade JK/Michelangelo, União  
Nacional de Analistas Transacionais –  
UNAT-BRASIL como requisito parcial do  
curso de Pós-Graduação para obtenção do  
título de Especialista em Análise  
Transacional

Orientador: Ede Lanir Ferreira Paiva

Uberlândia – MG

2015

**A TÉCNICA DO JOGO DE AREIA AUXILIANDO  
A PSICOTERAPIA COM ANÁLISE TRANSACIONAL**  
THE SANDPLAY TECHNIQUE AIDING  
THE THERAPY WITH TRANSACTIONAL ANALYSIS

Sonia da Fraga Peixoto Nogueira Pedreira

Faculdade JK/Michelangelo

UNAT-BRASIL – União Nacional de Analistas Transacionais

**RESUMO:** O presente artigo tem como foco principal a apresentação da técnica do Jogo de Areia e a sua correlação, teórica e prática, com conceitos de Análise Transacional. A autora apresenta seu modo de utilizar esta combinação teórica, ampliando a compreensão e utilização do próprio Jogo de Areia. Introduz um modelo de Contrato Terapêutico que se mostrou útil para alcançar as metas. O Jogo de Areia na Análise Transacional revelou-se eficiente na identificação da Catexia e diagnóstico dos Estados do Ego e também como um instrumento facilitador de um processo psicoterapêutico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise Transacional. Jogo de Areia. Contrato Terapêutico. Psicoterapia. Mudanças egóicas.

**ABSTRACT:** The main aim of this paper is to present the Sandplay technique and its theoretical and practical correlation with Transactional Analysis. This author presents her own way of dealing with this theoretical combination, enlarging the comprehension and use of the Sandplay itself. She introduces a Therapeutic Contract model that shows very useful in order to reach the goals. The Sandplay in the Transactional Analysis turned out to be efficient in the Cathexis identification and Ego States diagnosis, as well as a facilitating tool in the psychotherapy process.

**KEY-WORDS:** Transactional Analysis. Sandplay. Therapeutic Contract. Psychotherapy. Egoic changes.

O Jogo de Areia é uma técnica psicoterápica idealizada por Lowenfeld, no século passado na década dos 30, com finalidade inicial de trabalho com crianças. Posteriormente foi adaptado à teoria junguiana por Kalff (1956) que foi a responsável pela divulgação mundial deste método, sendo o seu uso atual expandido para os mais diversos tipos de situações possíveis em terapia.

A Análise Transacional é um método psicoterápico criado por Berne (1958) que apresenta uma teoria da personalidade que tem como pilar o conceito de Estados do Ego – descritos (BERNE, 1985, p.17)

fenomenologicamente como um sistema coerente de sentimentos relacionados a um dado sujeito e operacionalmente como um conjunto de padrões coerentes de comportamentos, ou, ainda, do ponto de vista pragmático, como um sistema de sentimentos que motiva um conjunto de padrões de comportamentos afins.

Em outro momento, Berne (1988, p.353) afirma que “Estado do Ego é um padrão consistente de sentimento e experiência relacionado diretamente a um padrão de comportamento consistente correspondente”. Assim sendo, pode ser entendido como um sistema coerente de pensamentos e sentimentos manifestados por padrões de comportamentos correspondentes, podendo ser de experiências passadas ou acontecimentos atuais.

O presente artigo tem como objetivo principal relatar a junção da técnica do Jogo de Areia com a teoria da Análise Transacional, que permitiu a inclusão de um modelo de Contrato Terapêutico e como tem sido produtiva esta associação na prática clínica, além de inovações na abordagem da referida técnica.

### O JOGO DE AREIA

Foi idealizado como técnica terapêutica inicialmente pela médica inglesa Lowenfeld (1935) para trabalhar principalmente com crianças órfãs e refugiadas decorrentes da primeira guerra mundial. Inicialmente disponibilizou material lúdico para seus clientes e acrescentou duas bandejas, uma contendo água e outra areia, na qual era permitida a livre combinação com as miniaturas, criando **mundos** nos quais era possível à criança expressar emoções e estados mentais sem necessitar usar palavras. A autora, então, começa um trabalho de exploração de processos mentais infantis criando o que denominou de *World Technique*, Técnica dos Mundos (Mitchel e Friedman, 1994, citado por Franco, 2008).

Kalff (1956) incorporou em seu trabalho a abordagem psicoterapêutica infantil, adaptando-a à teoria junguiana. Passou, desde então, a denominá-la de método psicoterapêutico com o Jogo de Areia, um método junguiano não verbal Jogo de Areia. Fez diversas viagens, nas décadas dos anos 70 e 80 pela Europa, EUA e Japão, divulgando sua técnica, sendo esta modalidade a que se expandiu por vários outros países. Ela propôs um *setting* diferenciado, composto por duas caixas de areia em tamanhos padronizados e uma ampla coleção de miniaturas com categorias diversas. Era sugerida ao cliente – criança ou adulto – a construção livre de cenários, que eram fotografados e posteriormente interpretados.



O cliente podia acrescentar água em uma das caixas de areia e assim trabalhar de forma mais lúdica, emocionalmente mais regredida e com mais plasticidade.

Em seu modo de trabalho terapêutico, Kalff (1980) sugere que o cliente crie o cenário em silêncio, podendo intercalar com sessões de psicoterapia tradicional, sendo livre o critério para escolher uma ou outra. Sendo assim, o Jogo de Areia permite ilimitada variedade de estratégias de intervenção, uma vez que cada profissional irá imprimir seu próprio estilo de trabalho e organizar seu *setting* de modo pessoal e, o que pode ser considerado como mais importante cada cliente terá seu ritmo e forma própria de reagir a essas orientações e estímulos.

Segundo Kalff (1980) seria possível acionar, expressar e visualizar, através dos cenários, ou na areia, um movimento psíquico que conduz, evolutiva e resolutivamente, a uma união de aspectos opostos ou de conteúdos contraditórios, polaridades visíveis e invisíveis, conscientes e inconscientes que, em geral, representariam conflitos presentes na personalidade, fontes de angústia. Todos estes fatores são impeditivos da estabilidade mental e do bem-estar e, tal processo, tende a conduzir ao arranjo psíquico harmonioso desejado.

Pensando nestes conflitos ou polaridades em termos de Análise Transacional, aventamos a possibilidade da existência de um distúrbio intrapessoal entre os componentes estruturais do modelo tripartite da personalidade humana, criado por Berne (1985), os Estados do Ego.

A técnica de aplicação do Jogo de Areia, proposta por Kalff (1980), não estava bem definida em nenhum livro, sendo passada adiante através de cursos e seminários ministrados por ela. No Brasil, isto serviu de tema para o estudo da dissertação de doutorado da psicóloga clínica Franco (2008). Uma revisão bibliográfica neste estudo feita por essa autora revelou que os autores, Kalff (1980) e seus seguidores, apresentam dissonância quanto à utilização clínica das verbalizações e das interpretações, bem como sobre o manejo do *setting* e as devoluções/interpretações. Quase todos sugerem o método não verbal sem, contudo, justificarem a razão desta escolha. A maioria sugere que o cenário permaneça montado na caixa e que seja fotografado pelo psicoterapeuta após a saída do cliente.

Ao ser utilizado livre das regras rígidas e de esquemas teóricos que o imobilizam, o Jogo de Areia evoluiu e adaptou-se a diferentes realidades. Entretanto, o uso indiscriminado permitiu atitudes geradoras de resultados não rigorosamente considerados e discutidos e, o risco de não se fotografar os cenários ou não dar aos criadores – clientes – devolução alguma sobre suas realizações na caixa de areia sob a alegação distorcida de que não há objetivo ou

possibilidade de interpretação, pode levar ao descrédito este instrumento que, quando bem utilizado, pode oferecer significativos resultados.

Visando regulamentar o processo de expansão, várias associações de estudo e divulgação do Jogo de Areia foram criadas em vários países, em sua maioria composta de analistas junguianos, sendo algumas delas consideradas radicais quanto à formação especializada, não aceitando nada fora dos moldes criados por Kalff (1980).

Acerca da extrapolação do enquadramento teórico do Jogo de Areia, convém ter em mente que, de acordo com Franco (2008), no seu único livro publicado, Kalff (1980) declara ser o Jogo de Areia não apenas um método de psicoterapia, mas também um meio que tornaria os conteúdos da imaginação reais e visíveis. Assim, esta assertiva respalda esta releitura proposta para apreciação do enquadre teórico firmado a fim de obter visualizações de novos enfoques conceituais. Além disso, permite contrapor novas práticas propostas para atuar nas diversas linhas da psicologia nas demandas já existentes, bem como nas ainda inéditas.

Franco (2003), em sua tese de mestrado, fundamentou uma proposta para qualificar o Jogo de Areia também como um procedimento projetivo, indo além de um método psicoterápico.

Com a projeção podemos observar que emoções usualmente expressas de modo sutil ou de não fácil percepção, ou advindas de partes inaceitáveis da personalidade de um indivíduo, podem ser localizadas numa pessoa ou num objeto externo ao sujeito. Como resultado da projeção de um conteúdo problemático, o indivíduo sente-se aliviado de imediato, com a sensação de ter se livrado de algo temido e/ou indesejado. Este processo é visto pela Psicologia Analítica (FRANCO, 2008) como um meio pelo qual se ofereceriam os conteúdos, do mundo interior, à consciência do ego. A matéria-prima do mundo interno seria então projetada no mundo externo, reconhecendo que, para que algo de valor viesse a ser adquirido, seria necessário reintegrar o que tivesse sido projetado. O cliente estaria livre para realizar sua comunicação através de suas projeções e estas poderiam ser úteis nos processos de psicodiagnóstico ou da psicoterapia.

Franco (2003, 2008) reconhece a necessidade do cliente, em verbalizar durante ou depois das elaborações dos cenários, apesar de não estimular o diálogo no momento da construção das cenas. Ademais, ressalta a importância que os conteúdos verbalizados podem vir a ter no sentido de enriquecer e reforçar a confiabilidade da análise. Esta autora menciona outros autores que comungam da sua opinião, como Kawai (1993) e Bosio (1997). O primeiro afirmou que as histórias, além de poder levar a *insights* adicionais, revelam a relação



do cliente com o conteúdo simbólico do cenário, ressaltando a necessidade de atenção aos diferentes tons emocionais, temas e conclusões. O segundo afirmou que a verbalização é fundamental para que seja possível avaliar a atitude do cliente em relação ao que ele cria na caixa permitindo-lhe tomar conhecimento de seus sentimentos, emoções, associações, lembranças e eventuais desconfortos nascidos no encontro e na contratransferência.

Em suas análises, nestes trabalhos publicados, ela destacou incongruências de vários autores, entre o que afirmavam – a não verbalização durante a criação dos cenários – e a descrição de como eram realizados os seus trabalhos na prática clínica, na qual nas descrições dos estudos de casos, exemplificavam situações nas quais havia relatos dos clientes e interferência dos terapeutas. Neste sentido, defende a ideia de que todas as avaliações e interpretações do material trazido pelo cliente são inerentemente baseadas nos sentimentos e percepções do terapeuta. Embasada nesta ideia, a autora considerou que os cenários ainda seriam produtos da relação e também portadores de sentimentos – mesmo que inconscientes e não verbais – bem como avaliações e intervenções do psicólogo. Afirmou que o envolvimento subjetivo do psicólogo é inevitável e que a interferência pode se dar de modo direto ou indireto, como: a postura e a personalidade do psicólogo, a sua coleção de miniaturas, o modo como estão dispostas nas prateleiras, a ênfase, o recorte e os sentimentos atribuídos a cada cenário, a cada fala ou a cada símbolo. Tal perspectiva é atualmente cada vez mais aceita pelos autores.

### **CONTRATO TERAPÊUTICO E JOGO DE AREIA**

Franco (2008) levantou uma questão importante que se referia à ausência de um modelo de como se daria a inclusão do Jogo de Areia nos Contratos Terapêuticos. Quando penso em termos de Análise Transacional, um método eminentemente contratual, sinto necessidade de construir um modelo para utilizar com meus clientes e confortável em fazê-lo como parte habitual da minha práxis profissional.

Segundo Berne (1988, p.352): Contrato é “um acordo explícito entre paciente e terapeuta, que declara a meta do tratamento a cada uma das fases”.

Segundo Steiner (1976, p.17-8)

O Contrato terapêutico é simplesmente um acordo entre a pessoa e o seu terapeuta, que deposita responsabilidade entre ambas as partes envolvidas. O cliente pede ajuda e dá todo o consentimento e cooperação para o processo da psicoterapia, e o terapeuta aceita a responsabilidade de ajudar a efetuar as mudanças desejadas, e de se manter dentro dos limites do Contrato.

Contrato é um conceito básico na Análise Transacional e tem como objetivo fixar metas terapêuticas, que serão baseadas a partir do contato com o cliente, sempre que possível em termos quantitativos e com algum marcador temporal – tendo consciência de que isto nem sempre é possível, dependendo da meta terapêutica. Significa uma proposta de trabalho definida entre terapeuta e cliente, com o consentimento deste e responsabilidade mútua, que estipula os objetivos, fases e condições do tratamento (WOOLAMS e BROWN, 1979), estabelecendo o que se quer mudar e como alcançar este objetivo, sempre expresso em termos positivos.

Em minha experiência profissional, busco estabelecer os Contratos respeitando as premissas básicas firmadas e classicamente aceitas pelos teóricos da Análise Transacional. Reconheço que, no início do processo terapêutico, é difícil firmar um Contrato definitivo com o Adulto do cliente, em razão da frequência com que nos estágios iniciais de uma terapia costumam ocorrer a Contaminação – simples ou dupla – do Ego Adulto. Entende-se por Contaminação “parte do conteúdo dos Estados do Ego Criança ou Pai que o indivíduo confunde com o conteúdo do Adulto” (JOINES e STEWART, 1987, p.305) (ver Anexo 1).

No que se refere à utilização da técnica do Jogo de Areia no momento do estabelecimento do Contrato Terapêutico com meu cliente, procuro deixar claro que, caso julgue necessário em seu processo, irei sugerir, e ele mesmo pode solicitar, a construção de um cenário. Dou instrução de que este método pode funcionar de modo não verbal – como é recomendado pelos junguianos – sendo feita a sua interpretação simbólica tal como ocorre com os sonhos, levando em conta os conteúdos manifesto e latente ou, ainda, dando a liberdade de ser utilizado de modo verbal para a resolução de conflitos, e qual o papel que o cliente desempenha na promoção e manutenção dos mesmos – como modo de percepção dos diálogos internos através da sua exteriorização.

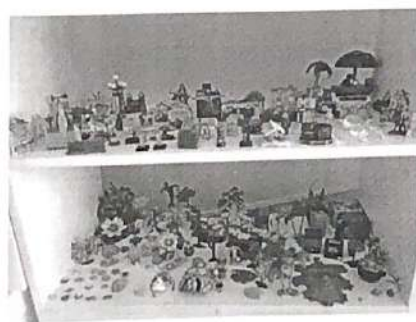
O fato de realizarmos uma atividade concreta convoca a totalidade da personalidade – inconsciente e consciente. Realizamos por meio do Jogo de Areia, uma forma física de imaginação ativa com imagens concretas, na qual dialogamos com o inconsciente (LEVY, 2011, p.16).

### ***MODUS OPERANDI DA AUTORA***

Apresento as caixas e dou orientação inicial de que o cliente escolha com qual irá trabalhar e toque a areia, que procure relaxar e sentir o seu toque com as duas mãos, buscando livrar-se de pensamentos ou julgamentos e que se deixe levar por imagens e sensações que a areia pode lhe proporcionar neste contato manual.



Apresento a coleção das miniaturas expostas nas prateleiras (figuras 1 e 2) e informo que as mesmas estão dispostas por categorias, o que facilita a localização e a múltipla escolha ao seu livre arbítrio. Ao franquear que se proceda a seleção das figuras, sugiro que se deixe levar numa escolha livre, como que atraído pela própria miniatura. Observo que após a seleção da primeira peça, o cenário se forma mais facilmente.



Figuras 1 e 2 – Coleção de miniaturas da autora, disponibilizada aos clientes

Combino com o cliente que, enquanto ele procede a escolha e montagem do cenário, estarei afastada e fazendo anotações necessárias que serão compartilhadas subsequentemente. Neste momento busco manter minha atenção voltada também para as pistas não verbais do cliente. Solicito que me notifique tão logo termine. Questiono sobre sentimentos e sensações vivenciadas durante o processo de montagem, encorajando-lhe a permanecer com a emoção que emerge. Frequentemente, pergunto-lhe acerca do mundo ali criado, refletindo somente aquilo que é relatado por ele, mantendo o foco sobre os objetos na bandeja.

*O paciente por meio de sua criação – uma atividade imaginativa – dá forma e expressão exterior ao seu mundo interior, trazendo à luz conteúdos e dinâmicas inconscientes. Trazer para a concretude o mundo inconsciente nos ajuda a alcançar a consciência, reconhecendo a própria condição e possibilitando a realização das mudanças necessárias. É desse nível de participação que surge a transformação (LEVY, 2011, p.17).*

Posso perguntar ao cliente como os eventos do Jogo de Areia refletem em sua vida real e ajudá-lo a dar sentido àquele mundo, encorajando-o a observar como os assuntos na bandeja aparecem na sua vida diária. Busco deixar claro para o cliente que todas as pessoas, coisas ou fatos representados estão internalizados e que os cenários e situações são representações de aspectos dentro do seu próprio Quadro de Referência, explicando-lhe que este “fornece ao indivíduo um conjunto global de percepções, conceitos, afeições e ações que é usado para definir o ‘self’, os outros e o mundo” (JOINES e STEWART, 1987, p.311).

Em caso de resolução significativa de conflitos, as análises – sempre que possível – serão co-construídas e apresentadas ao final da elaboração de cada cenário obtido. Será necessário o registro fotográfico para arquivo, subsequente re-análise e acompanhamento da evolução do trabalho terapêutico, inclusive supervisão quando se fizer necessária. Muitas vezes sugiro que ele também guarde a imagem (hoje mais facilmente fotografada com a câmera do celular). Antes de encerrar dou-lhe a tarefa de que pense sobre tal imagem até o próximo encontro, e que anote sonhos, pensamentos ou *insights* que julgue estar relacionados de alguma maneira com o que foi criado, com o tema trabalhado ou outros correlatos.

É fundamental que jamais o cenário de um cliente fique à vista de outrem e é dado ao cliente também a garantia do sigilo de suas imagens registradas, sendo necessário o seu consentimento por escrito (Anexo 2) para publicação ou apresentação em trabalhos ou congressos, resguardada a possibilidade de sua identificação.

### **EXEMPLOS ILUSTRATIVOS DA UTILIZAÇÃO PELA AUTORA**

Aqui serão mostrados dois cenários distintos, produzidos de modo individual e subjetivo.

#### **Cenário ilustrativo 1**

Criado para trabalhar uma dificuldade de lidar com uma figura de autoridade. Após relutância inicial, cliente levanta-se e dirige-se para as prateleiras, e arma um cenário relativamente simples (figuras 3 e 4 abaixo) e inicia um diálogo.

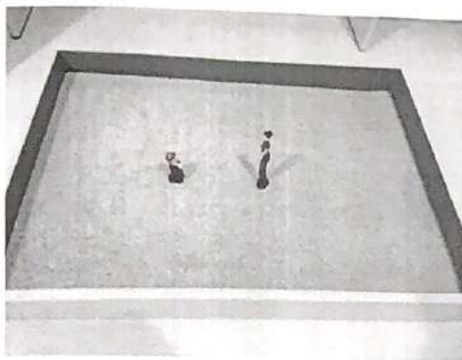


Figura 3 – Visão geral do cenário armado pelo cliente (ângulo de visão do cliente)



Figura 4 – Visão mais próxima do cenário (cliente à esquerda e “autoridade” à direita)

Após algum tempo de diálogo, pergunta se poderia fazer alguma alteração no cenário ao que dou permissão. Ao retornar às prateleiras advém uma nova escolha, passando o cenário a ser representado conforme nas imagens 5 e 6 abaixo.

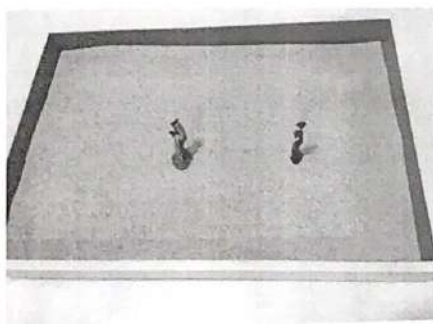


Figura 5 – Visão geral do 1º cenário modificado pelo cliente

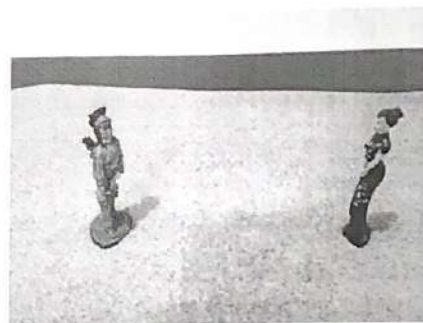


Figura 6 – Visão próxima do novo cenário (cliente à esquerda e “autoridade” à direita)

### Cenário ilustrativo 2

Cliente vinha trabalhando dificuldade de lidar com os pais que são separados, chega sem vontade de falar e solicita permissão para armar um cenário no Jogo de Areia e, após elaborá-lo (figura 7), dá-se conta de algo nunca antes mencionado na terapia: o sentimento de solidão.





Figura 7 – Visão geral do cenário (ângulo de visão do cliente)

## DISCUSSÃO

Na Psicologia Analítica há uma predominância quanto à utilização do método não verbal no Jogo de Areia. Discordam deste modo de atuação Franco (2003, 2008), Kawai (1993) e Bosio (1997), e eu também concordo com a opinião deles, ciente de que a matéria prima do mundo interno se projeta no mundo externo e a característica epistemológica do nosso trabalho, apresentado neste artigo, é a verbalização.

Diferindo ainda desta teoria, em que a interpretação do cenário construído é responsabilidade só do terapeuta, encontro elementos em contrário a este ponto de vista pelos nossos achados. Os autores supracitados ressaltam a importância da verbalização para a análise dos cenários construídos, no que estou de acordo inteiramente. Mais que isto, defendo a ideia de que, em primeira instância, o processo de elaboração da análise do cenário precisa ser co-construído junto ao cliente, por entender a necessidade de acessar o que o ele me traz. E, para isto, a verbalização é fundamental e necessária para avaliar a atitude dele em relação ao que cria na caixa de areia. Tal processo ainda possibilita ao cliente tomar conhecimento de seus sentimentos, emoções, associações, lembranças e eventuais desconfortos nascidos no momento da criação do cenário, no encontro e na contratransferência.

Também reconheço a importância que os conteúdos verbalizados podem vir a ter, no sentido de enriquecer e reforçar a confiabilidade da análise, buscando reduzir a influência subjetiva do psicólogo, tanto no momento da construção do cenário quanto na sua interpretação. Pensando nisso, dou a instrução de que ignore o quanto puder a minha presença, se concentre no processo de sua criação e, posteriormente, no que está representado no cenário, buscando ser o mais natural possível como se diante de uma situação real.

Em termos metodológicos da aplicação prática do Jogo de Areia segui algumas recomendações de teóricos junguianos, baseei-me também na experiência com terapia pessoal com esta técnica e em cursos teórico-vivenciais específicos de Jogo de Areia em Gestalt – por quatro anos –, além de algumas abordagens inéditas que – em minha *práxis* ao longo dos últimos sete anos – foram testadas empiricamente, com base nos conhecimentos de Análise Transacional as quais pelos bons resultados alcançados, passei a usá-las rotineiramente.

A Análise Transacional dá suporte, também, para atuar terapeuticamente estabelecendo Contratos. Com base em Steiner (1976) quando se refere a Contrato, no qual o cliente pede ajuda e dá o consentimento e cooperação para o processo da psicoterapia, penso ser o Jogo de Areia um modelo ativo de participação do cliente na resolução do seu processo. Cabe ao terapeuta, no que lhe toca quanto à responsabilidade bilateral, aceitar o encargo de facilitar as mudanças desejadas, e de se manter dentro dos limites do Contrato estabelecido, participando também do processo de interpretar o cenário construído.

No tocante à interpretação dos cenários produzidos pelos clientes e consciente de que a Criança do cliente apresenta suas experiências passadas de forma codificada para o terapeuta, a ele cabe decodificar e desintoxicá-las, retificar as distorções e ajudar o cliente a reagrupar as experiências. Neste sentido, penso ser o Jogo de Areia um instrumento que podemos utilizar para acessar visualmente as experiências passadas que estão registradas no Estado do Ego Criança, tendo um contato sensorial mais pleno, possibilitando ao cliente também fazer parte do processo de interpretação e instrumentalizando o terapeuta com um recurso que pode permitir-lhe uma decodificação mais ampla.

Nos casos de atendimentos clínicos com clientes que se mostram altamente racionais – cenário ilustrativo 1 – vejo a aplicação clara nestes casos, da ideia trazida por Levy (2001, p.18) “com os adultos há um ganho a mais, pois após a superação do preconceito inicial (...), há o resgate da criatividade, com a liberação da criança interna, que simboliza o potencial mágico de renovação, embotado pela energia excessiva direcionada ao racional”.

Traduzida esta fala de Levy (2001), em termos de Análise Transacional, encontro correspondência em nosso trabalho com Jogo de Areia, pois, ao atuar liberando o Adulto da Contaminação pelos preconceitos do Ego Pai, é permitida a liberação do potencial criativo da Criança Natural – denominada por Levy de criança interna – do cliente, tornando-o mais curioso e espontâneo. Considero que a terapia se dá, também, pelo fácil acesso a essa Criança na construção do cenário do Jogo de Areia de forma lúdica, vibrante e vivenciada de modo leve e salutar.



Por se tratar de um ambiente protegido e seguro, no Jogo de Areia o cliente pode experienciar a exteriorização de Diálogos Internos (entre específicos Estados do Ego) ou permitir-se resolver conflitos, de modo análogo à técnica da Cadeira Vazia (técnica inicialmente utilizada por Perls na década de 70, que “funciona por meio de um diálogo entre uma parte da pessoa e “outro” da vida dela, com outra parte de si mesmo ou uma situação”) (D’ACRI, LIMA e ORGLER, 2007, p.35). Aqui há intercâmbio de Estímulos e Respostas entre específicos Estados do Ego simbolizados pelas miniaturas escolhidas pelo cliente, que representam as situações problema em seus relacionamentos, e algo ou alguém que teve influência no seu passado ou tem no momento atual de sua vida. Este método permite ao cliente experimentar, as mudanças de atuações dele, e observar a freqüente necessidade da troca da figura que o representava inicialmente, para outra que o cliente julga ter as novas habilidades apresentadas no diálogo construído durante a elaboração do cenário.

As figuras (8 e 9 abaixo) escolhidas na montagem do Cenário1 nos permitem avaliar razoavelmente a Catexia dos Estados do Ego do cliente, tal como se apresentava naquele momento da terapia. Entenda-se aqui por Catexia, o conceito de Berne (1985) de, a energia psíquica empregada para o devido funcionamento ou para a utilização de um determinado Estado de Ego. A maior ou menor Catexia do Estado do Ego determina sua maior ou menor dominância sobre as atitudes e comportamentos de cada pessoa. Em quase todas as condições, as fronteiras do Ego são concebidas como semipermeáveis, tais como referidas por Berne (1985), permitindo que a Catexia livre possa fluir de um Estado do Ego para outro. Convém aqui rememorar a analogia com a membrana plasmática celular, como referida nos tratados de Citologia.



Figura 8 e 9 – Visão mais próxima do primeiro e segundo momento do cliente

Em termos de Análise Funcional na figura 8, o cliente se vê em uma Criança Adaptada Submissa, medrosa e desvalida. Na segunda figura (9) que o representa no cenário,



foi diagnosticado (e confirmado pelo próprio) como um Adulto, mais empoderado, mais potente, assertivo e seguro. Numa análise comparativa das miniaturas escolhidas, fica óbvia a discrepância em: tamanho, postura corporal e atitude geral do cliente.

No Cenário ilustrativo 2, o Jogo de Areia permitiu acessar um conteúdo inconsciente e nunca antes abordado no processo terapêutico e foi fundamental para o estabelecimento de novos Contratos: desenvolver mais vínculos e se expor socialmente mais, inclusive para ter um vínculo afetivo. Permitiu também fazer importante *insight* no tocante à exageração no que se referia à dificuldade de se relacionar com seus pais, antes identificados como sendo o centro de gravitação de sua vida.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para mim o Jogo de Areia permite tomar os conteúdos da imaginação e convertê-los em dados reais e visíveis. Por esta razão considero esta, uma ferramenta muito eficiente para atuar juntamente com a Análise Transacional pela sua praticidade, uma vez que o cliente estaria livre para realizar sua comunicação através de suas projeções, as quais poderiam ser úteis nos processos de psicodiagnóstico ou da psicoterapia.

Reconheço neste método de trabalho um instrumento muito útil para a terapia em clientes que tenham dificuldade de imaginar, sonhar, confiar ou de sair do concreto e, muitas vezes, com pessoas muito intelectualizadas ou em estado de regressão psíquica, pois permite uma interação entre o corpo e o mundo imaginativo não racional, o consciente e o inconsciente através da utilização da criação dos cenários no Jogo de Areia.

Pelo exposto, o Jogo de Areia apresenta o inconsciente sob uma forma com a qual é possível de se relacionar, em uma experiência real e tangível que exige a participação efetiva do sujeito.

Utilizo na minha prática clínica, em particular, nos casos em que os clientes exibem notória dificuldade na abordagem de cenas da vida pregressa e/ou atual por apresentarem relutância em permanecer com os olhos fechados, falar com alguém imaginariamente sentado em outra cadeira defronte dele ou criar imagens mentais. Tornou-se assim facilitada a resolução destes problemas mediante a montagem de cenários com esta técnica, propiciando ao cliente redecidir atuar de modo diferente a partir desta experiência.

Uma ocorrência relevante e que me encanta no trabalho com o Jogo de Areia é a possibilidade da independência do cliente em relação ao *setting* terapêutico, no que toca a viabilidade de criar seu próprio cenário, quando pega um objeto que representa uma pessoa,

algo ou situação e estabelece uma conversa, até ver resolvida a questão pessoal que está enfrentando no momento, nos mesmos moldes como elaboramos juntos.

Não encontro na literatura referência alguma a uma modalidade da abordagem que venho utilizando com frequência, a qual se trata de permitir ao cliente levar para casa, por uma semana ou mais, alguma miniatura que tenha sido muito relevante em seu trabalho. Os resultados alcançados me permitem dizer que, o contato diário com o objeto escolhido mostrou-se significativo, na medida em que proporciona ao cliente a se manter firme nas suas novas decisões tomadas, fortalecendo-as e, muitas vezes, permitindo-lhe a identificação de outras mudanças que precisará efetuar.

Entre as inovações sugeridas neste artigo, creio que a mais importante é a confirmação da proveitosa possibilidade da junção da técnica do Jogo de Areia com a teoria da Análise Transacional. Outros acréscimos significativos neste artigo são: 1) A criação de cenários e ensaio de como atuar em possíveis situações que poderão ocorrer na vida real; 2) Nos moldes da Análise Transacional, a introdução de um Contrato terapêutico que faz considerável diferença nos resultados obtidos; 3) A permissão eventual para que o cliente possa levar consigo alguma miniatura que tenha significado importante no seu processo psicoterápico, ou como objeto transicional, após um trabalho regressivo impactante realizado na última sessão.

Acredito fortemente que esta técnica pode ser utilizada para outras situações terapêuticas, que tenham impacto sobre o *Script*, como a Entrevista com o Pai que se propõe a uma reprogramação do ego Pai. Nesta técnica os diálogos são feitos na cadeira vazia, o que nem sempre é acessível para alguns clientes com dificuldade em lidar com pensamento abstrato e que podem vir concretizá-los usando diálogos entre as miniaturas. Isto será objeto de uma ampliação de estudo e publicação de outro artigo.

Como a cura para o *Script* advém pela autonomia, traduzida por Espontaneidade, Intimidade e Consciência, e estes três componentes foram aqui contemplados em parte, fica assinalado o propósito de explorar este fecundo tema, que servirá para pesquisa de longo prazo e futura publicação.

### Referências Bibliográficas:

- Ammann, R. *A terapia do Jogo de Areia*. São Paulo. Paulus, 2004.
- Berne, E. *Análise Transacional em Psicoterapia*. 1ª edição. São Paulo: Summus editorial, 1985.
- Berne, E. *O que você diz depois de dizer olá?* 1ª edição. São Paulo: Nobel, 2013.
- Berne, E. *Princípios do Tratamento de grupo*. 2ª edição. UNAT-BRASIL, 1988/2013.
- Boik, B. L. e Goodwin, E. A. *Sandplay Therapy*. NY/London. W. W. Norton & Company, 2000.
- D'Acri, G., Lima, P. e Orgler, S. (organizadoras). *Dicionário de Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus editorial, 2007.
- Joines, V. e Stewart, I. *Análise Transacional Today*. 1ª edição. North Carolina. (tradução), 1987.
- Levy, E. G. *Tornar-se quem se é*. Porto Alegre. Armazém Digital. 2011.
- Manual de normas e procedimentos da UNAT-BRASIL (2013) 63.



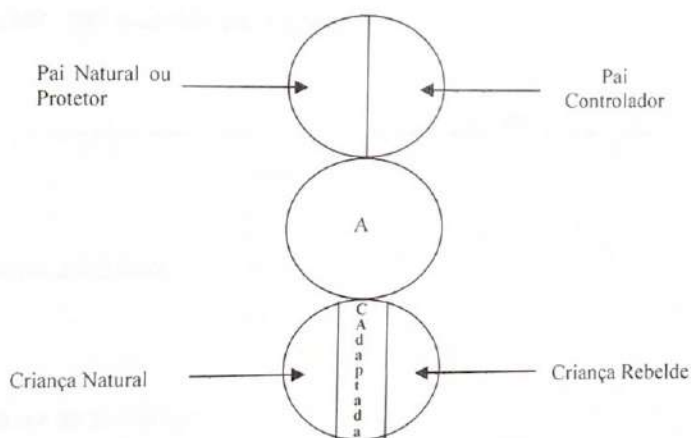
## ANEXO 1:

### Sobre Análise Transacional:

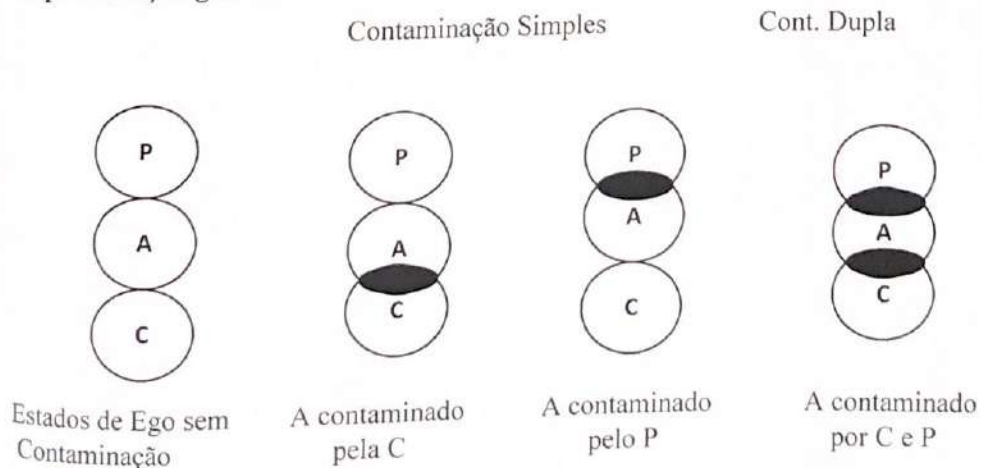
#### Representação gráfica dos Estados do Ego

Berne (1985) define Estado do Ego como um sistema coerente de pensamentos e sentimentos manifestados por padrões de comportamento correspondentes, podendo ser de experiências passadas ou acontecimentos atuais.

Encontramos algumas maneiras distintas de representar graficamente o Diagrama Funcional dos Estados do Ego. Com base no livro Olá (1988:27), em que Berne esquematiza graficamente os aspectos descritivos da personalidade (posteriormente denominado Diagrama Funcional) do Pai e da Criança do seguinte modo:



#### Representação gráfica dos Estados do Ego: Pai, Adulto e Criança



## ANEXO 2

### Autorização e consentimento livre do cliente

Eu \_\_\_\_\_, declaro que, após ter sido convenientemente esclarecido(a) pela psicóloga e ter entendido o que me foi explicado, autorizo expressamente a utilização de dados do meu prontuário e fotografias de cenários por mim construídos, para fins de publicação em artigos e/ou livros, participação em congressos e palestras que a mesma julgar necessária—ciente de que minha identidade será respeitada (ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo).

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do cliente

Assinatura da psicóloga